

*Osmar José de Barros Ribeiro

O Conselho Indigenista Missionário, o CIMI, sonha, em consonância com a ação de uma miríade de ONGs estrangeiras, com a criação de "nações" indígenas ao norte e ao sul da calha do

Solimões-Amazonas, casualmente localizadas em terras ricas em minérios os mais diversos.



Desde o Descobrimento, fato marcado pela 1ª Missa, a Espada e a Cruz caminharam juntas. Tal caminhada prosseguiu nas Entradas e nas Bandeiras que levaram, à custa de sangue, de sacrifícios e muito trabalho, nossas fronteiras terrestres para muito além do meridiano das Tordesilhas, sem esquecer que, com maior ou menor destaque, a Cruz esteve presente na construção dos Fortes os quais, ao longo do tempo, balizaram nossas fronteiras.

É **de lamentar o desconhecimento da História Pátria, por boa parte dos brasileiros. Não fora assim, a Amazônia Brasileira (quase 60% do nosso território) não seria tratada como assunto de pouco interesse da população.**

Saber íamos todos que, desde sempre, a área ao norte e ao sul da calha do Solimões-Amazonas sempre foi, por diferentes razões, objeto do interesse de outras nações.

Em 1902, o chanceler alemão, Barão Oswald Von Richthofen, dirigindo-se ao então ministro Barão do Rio Branco, afirmou que seria conveniente que o Brasil não privasse o mundo das riquezas naturais da Amazônia. Nos anos seguintes, outras manifestações no mesmo sentido, tais como: ao contrário do que os brasileiros pensam, a Amazônia não é deles mas de todos nós (Al Gore, então vice-presidente dos EUA); o Brasil precisa aceitar uma soberania relativa sobre a Amazônia (François Mitterrand, então presidente da França); A Amazônia e as outras florestas tropicais do planeta deveriam ser consideradas bens públicos mundiais e submetidas à gestão coletiva, ou seja, à gestão da comunidade internacional (Mikhail Gorbachev, então presidente da URSS).

